

## **A PROFECIA PROFANA DE VENTURA**

### **PEDAGOGIAS FEMINISTAS NEGRAS: COMPARTILHANDO SABERES E PRÁTICAS DE MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO E NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

Mar Aya Carneiro da Silva<sup>1</sup>

Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF/CE)

mar.silva@educacao.fortaleza.ce.gov.br

Em conversa com minha Irmã de Santo e multiartista cearense Pedra Preciosa da Silva, escutei dela que às vezes é necessário desligar a estação do mundo e sintonizar outras frequências. A isso, chamo bem-viver: uma necessidade de permanecer, à revelia de todas as forças que operam para nosso desgraçamento e, pior, nosso fim. Por “nós”, quero dizer todas aquelas que não se enquadram no “sujeito universal” estabelecido nos trâmites dessa sociedade cis-hetéro patriarcal: as bichas pretas, travestis, macumbeiras, determinadas infâncias, pessoas com deficiência, pessoas gordas e fora da estética branco-europeia – para citar algumas de “nós”. Evocar “a profecia profana de Ventura”, isto é, acessar a Poema de Ventura Profana, é uma tentativa de traçar rotas de fuga ou, como nos diz Jota Mombaça (2019), rastrear as forças que operam para o fim do mundo como nos foi dado a conhecer. Assim sendo, neste trabalho, intento analisar a Poema de Ventura Profana, com ênfase em seu recente trabalho “TODO CUIDADO É POUCO”. Ao me relacionar com sua vida-obra, questiono-me: Como a Poema de Ventura Profana se articula como Asé que precipita o fim do mundo como nos foi dado a conhecer à medida que imagea novas sociabilidades? Quais são os desvelamentos presentes na Poema de Ventura Profana? Como sua Poema mobiliza nossa (re)existência – implicando em outros modos de existir? Além de evocar à noção de “A poema”, de Nina Rizzi (2022), evoco outros três operadores teóricos na presente reflexão, quais sejam: (I) a Poética Feminista Negra, de Denise Ferreira da Silva (2019); a (II) Redistribuição da violência, de Jota Mombaça (2019) e (III) o afrofuturismo na linguagem musical, refletido por Hioga Fernanda Duarte Rocha Santos (2022). No trabalho, à luz do Asé de uma travesti negra nordestina, insisto em traçar caminhos que possibilitem outras existências.

---

<sup>1</sup> Sou uma travesti negra moradora do grande Pirambu, em Fortaleza-CE, onde atuo como professora das infâncias, em uma turma de Infantil II no CEI Maria Dalva dos Santos. Além disso, sou artista das poéticas e visualidades.